



## O problema da Arte Afro-Brasileira: da História da Arte à História Intelectual

BRUNO PINHEIRO\*

Esse artigo consiste nos primeiros resultados da pesquisa de doutorado, *A invenção da Arte Afro-Brasileira: a participação da cultura material das classes populares negras no sistema moderno de arte de Salvador (1947-1957)*, iniciada há seis meses, que tem como objetivo investigar as estratégias por meio das quais artistas negros acessavam espaços no sistema de arte moderna estabelecido em Salvador nos anos posteriores ao fim do Estado Novo.

O título do artigo, *O problema da Arte Afro-Brasileira: da História da Arte à História Intelectual*, diz respeito ao primeiro dos três objetivos específicos da pesquisa, que consiste em entender o estabelecimento da categoria “Arte Afro-Brasileira”, corrente em meados do século XX no sistema de arte baiano, para se referir a uma determinada produção realizada por artistas negros, que dizia respeito a uma experiência social associada a modos de vida entendidos como tradicionais. Os sentidos dessa categoria é tomada na pesquisa enquanto negociada, ao longo de toda a primeira metade desse século, por intelectuais brancos, intelectuais negros, artistas brancos e artistas negros, considerando as devidas assimetrias em relação ao acesso desses sujeitos a espaços em que discursos eram legitimados. Esse primeiro momento da pesquisa está sendo realizada a partir da análise de livros e periódicos dos autores que são tomados como definidores dessa categoria e a fortuna crítica associada a eles, de modo que foram estabelecidos como sujeitos nesse debate os intelectuais brancos Raimundo Nina Rodrigues e Arthur Ramos e os intelectuais negros Manoel Querino e Édison Carneiro

Essa etapa da pesquisa se apresenta aqui como inconclusiva, de modo que deve se estender por um tempo de seis meses a um ano, sendo que, ao finalizada, será seguida de mais dois momentos, referentes aos seus dois outros objetivos específicos: a análise da instrumentalização da categoria Arte Afro-Brasileira nas rotinas do sistema de arte baiano entre os anos de 1947 e 1957, concentrando-se nas críticas de arte de José Valladares e na documentação acerca das atividades da Galeria Oxumaré e dos Salões de Bellas Artes da Bahia, e, por fim, o cotejamento dos resultados das duas etapas anteriores de análise às

---

\*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp.



trajetórias do marceneiro, pai-de-santo e pintor Rafael Borjes de Oliveira e do vigia e escultor Agnaldo dos Santos, buscando localizar sob que termos esses artistas negociaram sua entrada e permanência no sistema de arte.

### **Nina Rodrigues e Arthur Ramos no debate sobre as artes das populações negras**

O debate sobre a categoria Arte Afro-Brasileira tem como ponto de partida nessa pesquisa a fotorreportagem *Escultura Afro-Brasileira na Bahia*, publicada em 14 de abril de 1951 na revista *O Cruzeiro*, com imagens de Pierre Verger e texto de Odorico Tavares. No texto da reportagem, Tavares toma como objetivo propor parâmetros para uma prática de *connoisseurship* em relação às obras de Arte Afro-Brasileiras que considerava autênticas, distinguindo-as das obras africanas. Para isso, ele não somente faz análises de obras, mas dialoga com uma série de autores nacionais e estrangeiros que debruçaram-se sobre o problema, tomando dois textos como principais pontos de ancoragem: *As Belas Artes do colono preto no Brasil*, publicado em 1904 por Raimundo Nina Rodrigues, na revista *Kosmos*, e *Arte Negra no Brasil*, publicado em 1949 Arthur Ramos, na revista *Cultura*.

É possível fazer uma série de aproximações entre esses dois autores: a princípio, ambos eram homens brancos, médicos formados na Faculdade de Medicina na Bahia, e mais importante que tudo isso, ambos, cada um a seu tempo, assumiram uma posição de protagonismo em relação ao pensamento racial que se tornou hegemônico no Brasil. Para entender essa relação, serão apresentados a seguir, de modo breve, pontos das trajetórias intelectuais de ambos, que servirão de base ao debate a ser realizado, tomando como referência duas autoras que, no contexto da produção do departamento de antropologia da Unicamp sobre a história da disciplina, fizeram extensas pesquisas documentais sobre as trajetórias dos dois autores, Mariza Corrêa (1998), sobre Rodrigues, e Luitgarde Barros, (2000), sobre Ramos.

Raimundo Nina Rodrigues, depois de formado, prestou concurso para professor de medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia em 1889, onde lecionou até falecer, em 1906. No imediato pós-abolição, Rodrigues assumiu papel central na popularização no país de interpretações que apropriavam o evolucionismo para pensar as sociedades humanas. Na medicina legal, foi responsável pela difusão dos autores da Escola Italiana de Criminalística,



Lombroso, Ferri e Garofalo, seus interlocutores diretos e indiretos, que propunham o uso do instrumental metodológico da antropologia física para definir a propensão para a delinquência. Essas interpretações no Brasil possibilitaram o surgimento da percepção de que a própria presença de indivíduos negros na vida social do país seria um impeditivo para a construção de uma república que se entendia como civilizada, de modo que Rodrigues, ao inaugurar o campo de estudos do negro no Brasil, sob uma perspectiva antropológica, se tornou o principal intelectual a fornecer subsídios teóricos para legitimar, tanto leis que visavam suprimir práticas culturais das populações negras entendidas como não civilizadas, como o caso da capoeira e das religiões de matriz africana, quanto políticas de estado de branqueamento da população (Corrêa, 1998; Schwarcz, 1993).

No caso de Arthur Ramos, ele ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia anos depois do falecimento de Nina Rodrigues, em 1906. Apesar de se considerar herdeiro direto do pensamento do antecessor, cuja produção estudou a fundo, ele propôs uma leitura bastante diversa sobre o mesmo conjunto de temas. A ideia monolítica de Civilização, de matriz evolucionista, foi substituída pelo culturalismo de Frans Boas, orientador de doutorado de Gilberto Freire, seu interlocutor, que propunha observar a Cultura enquanto um fenômeno cuja expressão deveria ser entendida em seu contexto. Sua produção passou a ganhar grande visibilidade a partir de 1938, quando foi indicado à cadeira de Antropologia da Universidade do Brasil (Barros, 2000). Suas elaborações, assim como as de Freyre, assumiram um papel central no projeto identitário nacional e regionais que passaram a ser construídos a partir do Estado Novo, que viabilizou uma revalorização de determinadas práticas culturais que com o pós-abolição passaram a ser perseguidas, ainda que, em contrapartida, instrumentalizando-as na produção de discursos apaziguadores de conflitos raciais e de classe, que ganharam sua forma na ideia de que no Brasil se vivia uma Democracia Racial (Munanga, 1999). Em 1949, Ramos passou a ocupar a chefia da cadeira de ciências sociais da Unesco, falecendo no mesmo ano. Ainda assim, foi articulado por ele o Projeto Unesco, que na primeira metade da década de 1950 colocou a Democracia Racial no topo da agenda internacional do pensamento racial, unindo cientistas sociais de todo o mundo em torno da experiência brasileira e, em específico, a baiana, que passou a ser estudada enquanto um caso exemplar de convívio interracial em que o racismo hipoteticamente teria sido suprimido (Barros, 2000).

Na aproximação desses autores com o campo da arte, é possível fazer as seguintes observações: Rodrigues advoga em relação à objetos litúrgicos do Candomblé como peças



que deveriam ser tratadas enquanto obras de arte que seu baixo grau de elaboração refletia o estágio ainda pouco desenvolvido da população que a produzia. Já em Ramos, a associação direta entre o estágio de evolução das sociedades com o de suas artes desaparece, ainda que haja uma continuidade na busca por inserir esses objetos em uma narrativa evolucionista da história da arte, em diálogo direto com os debates e práticas do sistema de arte dos grandes centros dos Estados Unidos e Europa, que aproximavam uma diversidade de objetos realizados em variados contextos negros em torno de categorias como Arte Negra e Arte Primitiva. Os artigos dos dois autores lidos por Odorico Tavares foram suas únicas publicações realizadas em vida sobre as artes das populações negras no Brasil. Ambos foram publicados logo após o afastamento deles do ensino na universidade, sendo que o tema é completamente divergente daqueles tratados por eles no período em que exerciam a docência. Nos dois casos, eles foram publicados em momentos em que os paradigmas raciais que eles se filiavam apresentavam já uma determinada maturidade, sendo plenamente incorporados pelas instituições públicas do país e pelo discurso de diferentes campos da cultura, como no caso das artes visuais, que em meados do século XX se viu em Salvador ecoado por Tavares, que protagonizou a articulação entre artistas, instituições de arte e colecionadores no sistema de arte moderno estabelecido na capital baiana.

### **Manoel Querino e Édison Carneiro e a perspectiva negra do campo das artes**

Como foi apresentado no princípio do artigo, os sentidos da categoria Arte Afro-Brasileira são tomados nessa pesquisa enquanto negociada entre sujeitos brancos e sujeitos negros. Desse modo, a produção dos dois autores lidos por Tavares será aproximada com a de dois intelectuais negros contemporâneos a eles.

Num primeiro momento, a produção de Nina Rodrigues será cotejada com a de Manoel Querino, sujeito de atuação múltipla, das quais chamo a atenção as de pintor-decorador, professor de desenho, historiador da arte e militante político. Como os dois autores citados anteriormente, será feita aqui uma breve apresentação de sua trajetória, realizada a partir do trabalho biográfico realizado por Maria das Graças Leal como resultado de seu doutorado em história na PUC-SP (2009), para que, de suas filiações intelectuais, seja possível entender sua perspectiva frente à de Rodrigues.



Manoel Querino nasceu em 1851 em Santo Amaro da Purificação. Orfão nos primeiros anos de vida, teve como tutor o educador Manoel Correa Garcia, que o instruiu no ofício de pintor-decorador e tratou que ele aprendesse a ler e escrever. Aos 18 anos de idade foi alistado pelo exército brasileiro para a Guerra do Paraguai, cujo recrutamento mirava homens jovens negros, mas por ser letrado, foi alocado como escriturário do batalhão, servindo por pouco mais de um ano. De volta à Bahia, Querino passou a trabalhar como pintor-decorador durante o dia, e estudar à noite, ingressando nos estudos preparatórios do recém-criado Liceu de Artes e Ofícios, e, em seguida, na Acadêmia de Bellas Artes, formando-se em desenho em 1882. Após formar-se, Querino passou a lecionar essa disciplina no Liceu, onde permaneceu até 1900 e no Colégio Casa Pia dos Órfãos de São Joaquim, onde ensinou por toda a vida. Seu engajamento nos processos de educação formal estava diretamente relacionado à sua militância política, de modo que ele entendia o acesso ao ensino como uma ferramenta de possível emancipação dos trabalhadores negros, seja em sua vertente profissionalizante, que promoveria autonomia material, seja em sua vertente humanística, que permitiria o acesso à retórica republicana. Querino foi membro atuante da Liga Operária Bahiana desde sua fundação, em 1876, se tornando uma das principais lideranças na transformação da agremiação em Partido Operário, em 1890. Após 1900, em circunstâncias ainda pouco explicadas, ele foi ostracizado politicamente, sendo que alguns comentadores da época associam esse processo à racialização de sua prática de militância, centrada na busca pelo acesso a cidadania pelas populações negras na transição do trabalho compulsório ao trabalho livre (Leal, 2009). Ao afastar-se da vida política, Querino passou a atuar como escritor e pesquisador. Seu primeiro livro foi *Desenho Linear das Classes Elementares* (1903), um manual de ensino de desenho técnico, gênero de publicação que foi retomado por ele em *Elementos do Desenho Geométrico* (1911). Publicou também dois livros de história da arte, *As Artes na Bahia* (1909) e *Artistas Baianos – indicações biográficas* (1909). Em ambos, ele revela em diversos momentos preocupação em relação às condições de trabalho e os modos de remuneração do artista local e do professor de artes na Bahia republicana. Em 1916, ele publicou *A Raça Africana e seus costumes na Bahia* (1916), seguido de seu último livro, *O Colono Preto como fator de Civilização Brasileira* (1918). Nesses dois últimos, ele assume uma atitude antagônica à de Nina Rodrigues, tomado como uma resposta à percepção do médico sobre a população negra do Brasil como um obstáculo para a modernização do país. Querino foi também colaborador da revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, cujo





texto de maior circulação posterior foi *O Homem de Cor Preta na História* (1923), em que, dentre as trajetórias que traça, ele chama a atenção para três pintores negros que atuavam no fim do XIX na Bahia produzindo obras de matriz neoclássica (Leal, 2009).

Ao aproximar a aproximação de Rodrigues com a de Querino com o campo das artes, fica evidente que, enquanto para o primeiro, o interesse em buscar em determinados objetos uma possível história da arte das populações negras ocorria de modo alheio aos seus sujeitos, além de posicionada em oposição à experiência branca e civilizada, para o segundo, a racialização da análise do campo da arte busca evidenciar e fomentar os processos de assimilação, alinhada a sua busca que sujeitos negros acessassem espaços na nova ordem republicana.

Num segundo momento, a produção de Arthur Ramos será aproximada com a do jornalista, pesquisador e militante político negro Edison Carneiro, que como Querino, tinha origem negra e proletária, cuja trajetória será apresentada aqui a partir da pesquisa de Gustavo Rossi, realizada no contexto do Departamento de Antropologia da Unicamp (2015). Carneiro se tornou bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia em 1937, atuando no período da faculdade como mediador para diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros com comunidades de terreiros de Candomblé de Salvador, tema que nas décadas seguintes foi central na sua produção bibliográfica. Em 1936, ele foi um dos principais articuladores da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, organização que negociou os termos da primeira regulamentação das práticas religiosas Afro-Brasileiras, ocorrida em 1938. Chamo a atenção que Ramos, que desde esse período foi seu interlocutor direto, se servindo de sua atuação como informante, demonstrava resistência ao modo não tutelado de organização da União das Seitas (Rossi, 2015). Enquanto estudante de direito, Carneiro atuou também como jornalista, de modo que, em 1937, ele publicou no jornal *A Tarde*, uma série de reportagens sobre práticas religiosas e de divertimento das populações negras que pautaram os modos como essas manifestações passaram a ser representados na imprensa, padrão que se difundiu nacionalmente e que marcou a saída dessas temáticas das páginas policiais e entrada no campo da Cultura (Ickes, 2013). Em 1938 Carneiro mudou-se para o Rio de Janeiro, mesmo ano que Arthur Ramos se tornou professor na Universidade do Brasil. No Rio, Carneiro atuou produzindo relatórios sobre temas ligados às populações negras no Brasil para diferentes órgãos do estado e escrevendo artigos jornalísticos, trabalhando como intelectual autônomo até o fim da vida (Rossi, 2015).



Por conta de ainda não ter contato com a documentação associada a Carneiro, ainda não é possível realizar nenhuma conclusão acerca de sua relação com o campo da arte, e como sua perspectiva se relaciona com aquela apresentada por Ramos. É possível apenas chamar a atenção para o ponto de partida para analisar essa relação, em que, para os dois autores, a busca pelo acesso a direitos e espaços era uma questão central ao se pensar as populações negras, ainda que suas experiências sociais distintas produzissem diferenças significativas sobre como esse processo deveria ocorrer.

### **Considerações Finais**

Por a análise apresentada aqui ainda estar sendo realizada, não é possível tecer nenhuma consideração conclusiva. Desse modo, serão apresentados aqui o principal problema que no momento se descortina em relação à continuidade dessa etapa da pesquisa, os diferentes registros narrativos que cada um dos autores realiza sua aproximação com o campo das artes. Em Rodrigues e Ramos, eles publicam textos em revistas de crítica de cultura de grande visibilidade entre intelectuais que produziam discursos que se tornaram hegemônicos no país, produzindo argumentações próximas à forma acadêmica. Em Querino e Carneiro, há uma relação maior a um registro jornalístico, sendo que no segundo, parte de suas reflexões sobre artes estão presentes em cartas. A partir dessas distinções de registros, é possível também pensar em distinções dos próprios usos e funções sociais da arte, na produção da categoria Arte Afro-Brasileira.

### **Bibliografia**

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de seu Tempo**. Maceió: EDUFAL, 2000.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. São Paulo, Edusp, 1998.

ICKES, Scott. **African-Brazilian Culture and regional identity in Bahia, Brazil**. Gainesville: University of Florida Press, 2013.

LEAL, Maria das Graças. **Manuel Querino, entre letras e lutas – Bahia, 1851-1923**. São Paulo: Annablume, 2009.



MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **As Bellas Artes dos colonos Pretos no Brasil.** In: **Revista Kosmos.** Rio de Janeiro, 1906.

QUERINO, Manuel. **As artes na Bahia – Escorço de uma contribuição histórica.** Salvador: Typografia e Encadernação do Lyceu de Artes e Offícios, 1909.

\_\_\_\_\_. **Artistas Baianos – indicações biográficas.** Salvador, Officina da Empresa Bahia, 1911.

RAMOS, Arthur. **Arte negra no Brasil.** IN: **Cultura**, v. 1, n. 2, Rio de Janeiro:, 1949. p. 189-212

ROSSI, Gustavo. **O intelectual Feiticeiro - Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 2015.

SCHWARCZ, Lilia K. M. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial No Brasil: 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAVARES, Odorico; VERGER, Pierre. **Escultura Afro-Brasileira na Bahia.** *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1951.